

# Diálogo Ecumênico e Inter-religioso

Adilson Schultz

## Objetivos da aula:

- . Aprender sobre a necessidade das práticas de diálogo, amor, gentileza e tolerância para a construção de uma sociedade mais justa;
- . Mostrar como a perspectiva de diálogo entre as religiões e igrejas pode ser um bom exemplo das possibilidades de diálogo na sociedade como um todo;
- . Familiarizar-se minimamente com a linguagem teológica e filosófica sobre o diálogo ecumênico e inter-religioso;
- . Mostrar como a religião – o cristianismo, no caso brasileiro! - é uma dimensão essencial da sociedade e seus movimentos, especialmente sua força enquanto memória coletiva de perpetuação de valores e princípios de convivência social harmoniosa.

## Primeira Parte: a importância do diálogo

### A lição da espiritualidade

*“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor da sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender a odiar; e, se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar.”*

Nelson Mandela

O aprendizado para uma sociedade mais justa, livre e dialogal passa por movimentos pedagógicos do aprender a amar, e nesse quesito a religião e a espiritualidade têm uma longa tradição. Ensinar a amar tem tudo a ver com religião.

A equação parece fácil – afinal, as religiões são o lugar da mensagem da paz, do amor e do diálogo, mas nem sempre isso será verdade, dado que a religião nasce e se desenvolve com as marcas sociais, e aí se abre para o conflito. O conflito também faz parte do mundo da religião.

Por isso o exercício para o amor e para o diálogo também é essencial na perspectiva religiosa. Diálogo ecumênico (entre as igrejas) e inter-religioso (entre religiões) são marcas de uma humanidade mais “civilizada”. Por isso, temos a seguir um breve texto teórico sobre os fundamentos do diálogo na perspectiva religiosa, especialmente na perspectiva filosófico-teológica.

### Igrejas e religiões

Quando se conversa sobre outras igrejas e religiões, as ideias costumam tomar um dos seguintes rumos:

- 1) *Exclusivismo*: “Só a minha religião ou igreja é verdadeira”;
- 2) *Relativismo*: “Todas as religiões e igrejas são verdadeiras”;
- 3) *Inclusivismo*: “As outras religiões e igrejas são estágios inferiores da minha”;
- 4) *Diálogo*: “Respeito a outra religião ou igreja, mas sigo a minha”.

O problema do exclusivismo é que quase todas as confissões religiosas dizem a mesma coisa, gerando fundamentalismo, isolamento ou conflito. Já o relativismo ignora que as religiões e

igrejas têm diferenças, e que nem sempre “Deus é o mesmo”. E o inclusivismo menospreza a outra religião ou igreja, fazendo algo que não gostaríamos que fizessem com a nossa confissão religiosa.

### **O caminho do diálogo**

O diálogo ecumênico e inter-religioso é uma alternativa aos outros três caminhos. Seu objetivo é promover a unidade entre igrejas e religiões, afirmando que, embora existam diferenças, é possível a convivência e o respeito. A palavra “Ecumenismo” significa “casa comum – terra habitada”, lembrando que toda a humanidade forma uma só família de filhos e filhas de Deus.

Diálogo não significa unificação de igrejas e religiões, nem mistura de crenças e cultos. Ao dialogar, cada um recria ou mantém sua identidade própria; as diferenças religiosas não são escondidas, e nem é deixado de lado a crítica fraterna mútua. Justamente por isso tem o nome de “diálogo”, porque é feito entre quem é diferente e se respeita.

### **Campos de Diálogo**

As práticas de Diálogo ecumênico e inter-religioso podem acontecer em quatro áreas:

- A) Crenças e doutrinas (como cada confissão religiosa entende a salvação, pecado, etc.);
- B) Defesa da vida (engajamento comum pela paz, justiça, ecologia, etc);
- C) Comunhão fraterna (viver com familiares e colegas de outras igrejas, por exemplo);
- D) Espiritualidade (oração, canto e testemunho conjuntos).

O que está em jogo é muito mais do que uma questão de fé. O diálogo é um sinal e um testemunho visível de comunhão e paz para todos os âmbitos da vida. Faz parte de uma visão *ecológica* do mundo.

É justamente por ser tão amplo que ele precisa de uma fé profunda e madura. Para o povo cristão, a busca da unidade é mais do que um caminho a escolher; é buscar cumprir um desejo do próprio Senhor Jesus Cristo: “Que todos sejam um, para que o mundo creia” - João 17. Está aí posto um dos fundamentos da identidade cristã. Ecumenismo não é escolha, mas essência da Igreja.

### **O diálogo desafiando a fé cristã**

Esse caminho do diálogo toca especialmente aos cristãos e às cristãs, pois a Bíblia afirma que o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus (Gênesis 1.26-27). Não apenas o ser humano cristão, mas todo e qualquer ser humano. A partir disso pode-se afirmar que qualquer pessoa, em qualquer religião ou mesmo em nenhuma delas, “reflete” a imagem e semelhança de Deus. Assim, se um cristão menospreza outra pessoa por causa de religião, estaria menosprezando o próprio Deus, que está refletido nessa pessoa. Ou seja: diálogo ecumênico e inter-religioso envolve todas as pessoas!

Anda mais especialmente para quem tem fé, há um permanente desafio para equilibrar essa essência ecumênica e dialogal com a exigência da missão cristã: Jesus pede “que todos sejam um” (João 17), e ao mesmo tempo diz para “ir ao mundo inteiro anunciando o evangelho” (Mateus 28). Não parece uma contradição? O Conselho Mundial de Igrejas pronuncia-se assim: “Não podemos apontar para nenhum outro caminho para a salvação a não ser Jesus Cristo; ao mesmo tempo, não podemos fixar limites para o poder salvador de Deus”.

### **Deus ex-lex – Deus Fora-da-Lei**

Na tradição protestante, Lutero e Calvino resolveram essa conta apelando para a “liberdade soberana de Deus”. Lutero gostava da expressão latina “*Deus exlex*”, literalmente “Deus fora-da-lei”. Lendo a Bíblia e contemplando a cruz de Cristo, Lutero viu que Deus escolhe e se revela naquilo que é loucura (1Co 9), fora do normal. Assim como na Bíblia, hoje essa singular loucura de Deus, a cruz de Cristo, vai se atualizando de acordo com o contexto. Daí que, paradoxalmente, é por causa dessa ênfase na cruz de Cristo como “lugar natal” de Deus e da consequente “liberdade divina” que o povo ecumênico geralmente está mais à vontade para aceitar comportamentos singulares de Deus.

### **Conceder a Deus o direito de ser Deus**

No fundo, trata-se de “conceder a Deus o direito de ser Deus”, que está ali onde Ihe aprover. Em tese não há religião, igreja, lei, confissão religiosa, fé ou pessoa que possa dizer que Deus está apenas ou plenamente nela. Deus não depende da fé cristã para se comunicar com o mundo, muito menos de uma igreja em especial; age com a cooperação dela, mas também apesar e para além dela, também ali onde a fé cristã menos espera! Indígenas da Amazônia, muçulmanos do Afeganistão, bantus da África ou hinduístas da Índia organizaram religiões porque perceberam a presença de Deus no mundo ou em suas vidas, e não há como negar que aí Deus dá vida e salvação.

### **A riqueza do testemunho cristão – um pouco de Bíblia**

Mas nem por isso as Igrejas e os fiéis da igreja podem “deixar de falar das coisas que viu e ouviu” (At 4). Cristãos encontram vida em abundância em Jesus Cristo, seu “firme ancoradouro”. Estão cheios do Espírito de Deus (At 4), e por isso não podem resistir a anunciar Jesus Cristo e “seus testemunhos” (Sl 119), cooperando para que se façam “novos céus e nova terra, nos quais habita justiça” (2Pe 3), pois são “parte uns dos outros” (Rm 12) e solidários a todos (1Ts 5), imagem e semelhança de Deus (Gn 1).

No entanto, essa fé é humilde para saber que a Cristo “conhecemos apenas em parte” (1Co 13), que Deus mostra apenas aquilo que suportamos conhecer dele, e que entendemos ainda pouca coisa d’ “a largura, o comprimento, a altura, a profundidade da impenetrável riqueza de Cristo” (Ef 3), confiando que “quando o Espírito da verdade vier, ele os guiará a toda a verdade” (Jo 16).

### **Exercitando o diálogo no mundo da fé**

Enquanto isso, para trilhar o caminho do diálogo ecumênico e inter-religioso são necessários

- ✦ *Confiança* em Deus, reconhecendo e vivendo sua própria religião como sinal verdadeiro de Deus no mundo;
- ✦ *Humildade*, reconhecendo que nas outras religiões e igrejas também há presença divina;
- ✦ *Ouvir* com sabedoria, buscando conhecer as outras religiões e igrejas antes de julgá-las; ouvir o que elas têm para dizer;
- ✦ *Oração*, rogando que a misericórdia divina supere nossas imperfeições e divisões, e anime para ir ao encontro de quem é diferente de nós.

### **Diálogo em tensão crítica**

Finalmente, todo mundo sabe que o diálogo não exclui a crítica à outra religião! Temos a liberdade e o dever de nos corrigir mutuamente. Mas essa crítica sempre será relativizada pela fé da pessoa. Fundamentalmente, não há nada que possa atrapalhar a experiência profunda com Deus que uma pessoa esteja tendo em qualquer religião. Há que se reconhecer sempre que, apesar de eventuais constrangimentos a que as pessoas são submetidas em certas

religiões e igrejas, ainda assim a pessoa pode estar tendo uma experiência profunda com Deus. Esse é o limite.

## **Segunda Parte: a crise do diálogo**

### **A crise da religião e a dificuldade de diálogo**

Ao se preocupar com o diálogo, a sociedade e os movimentos sociais recebem da *religião* um impulso extremamente valioso para a constituição de melhores condições de vida. Mas essa tarefa parece especialmente dificultada em nossos tempos, já que a própria religião promotora do diálogo parece estar em crise.

Para a socióloga Daniele Hervieu-Léger, a tarefa das religiões enquanto espécie de agências para o diálogo, ou escolas de amor e paz, está especialmente dificultada nesses tempos graças ao que ela denomina crise da memória social. Para estudar essa dificuldade na promoção do diálogo e da paz, a pensadora propõe analisar os movimentos religiosos a partir de uma significativa mudança social que experimentamos atualmente, qual seja, a queda do império da memória e da tradição e o reinado da emoção.<sup>1</sup>

As religiões, segundo a pensadora, podem ser consideradas instituições sociais criadas para serem meios de transmissão da memória coletiva. Marca registrada da religião é a continuidade – daí sua identificação com a tradição, com o passado, e tantas vezes com o conservadorismo. Mas elas são responsáveis também pela transmissão de valores de paz, de amor e de liberdade, marcas sociais importantes. Tendo recebido os valores da tradição, as pessoas que vivem em determinada sociedade se sentem parte-herdeira dessa mesma tradição. Ou seja: religiões e comunidades religiosas são lugares não apenas para crer, mas também para pertencer! Crença e pertença andam de mãos dadas.

Em seguida a socióloga perguntará se esse papel social da religião pode ser cumprido nesse tempo, marcado por rupturas e caracterizado como um verdadeiro tempo de mudança – a autora chega a falar em “era da mudança”! Numa época em que tudo é mutável, o que fazer com essa velha instituição que vive de transmitir memória, e de perpetuar-se? Aliás, não apenas a religião, mas já a própria sociedade contemporânea em sua totalidade parece não precisar de um passado para constituir-se enquanto tal. **Para que, afinal, memória, se o que vale é o presente?** Se sequer o futuro está em jogo, de que serviria o passado? A conclusão da socióloga cai já como obviedade: a crise da sociedade moderna e a crise da religião vêm de sua incapacidade de perpetuar a tradição e seus valores.

Daí, seguindo o raciocínio, na mesma liquefação de tradição, memória e passado está a crise da razão analítica, típica de uma sociedade e de uma religião da modernidade. A autonomia da razão, a liberdade individual e a racionalização vão dando lugar ao pertencimento deliberado, à estética que segue o senso comum, e ao valor da emoção do pertencimento ao invés da razão. O fiel ligado a qualquer tribo urbana, religiosa ou não, quer “fazer parte”. Há uma clara proeminência dos sentidos substituindo a formulação racionalizada. Surgem não mais comunidades de comprometimento, mas comunidades emocionais.

Isso significa que as urgências de diálogo e harmonia lançadas sobre as religiões, tão urgentes em nosso tempo, podem estar comprometidas, pois se a razão não consegue mobilizar os fiéis para a memória coletiva dos valores essenciais da sociedade, como paz, diálogo e tolerância, o que nos restaria, então? Diálogo é um valor que se aprende. Se a religião não tem mais

---

<sup>1</sup> HERVIEU-LÉGER, Danièle. *La religion pour mémoire*. Paris: Cerf, 1993.

capacidade mobilizadora das consciências, como fazer? Se as máximas da PAZ e do AMOR somem da perspectiva das religiões, como falar de diálogo? Como construir uma cultura de paz?

### **Referências**

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *La religion pour mémoire*. Paris: Cerf, 1993.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. "A transmissão religiosa na modernidade: elementos para a construção de um objeto de estudo". In *Estudos de religião*. Por uma sociologia do protestantismo, Ano XV, N. 18, São Bernardo do Campo, UMESP, junho de 2000